

III COLÓQUIO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS



ONDE ESTÁ O PAI?

DESAFIOS DA
ATUALIDADE
NA CLÍNICA
COM CRIANÇAS



10 E 11 DE OUTUBRO DE 2014 NO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

O DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS do Instituto Sedes Sapientiae, promoveu nos dias 10 e 11 de outubro de 2014 o **III COLÓQUIO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS: Onde está o pai? Desafios da atualidade na clínica com crianças**. Não é nova a discussão sobre o declínio do lugar do pai e/ou da função paterna na psicanálise contemporânea. Diante das novas dinâmicas de estrutura familiar e de uma sociedade que impõe novas formas de subjetivação, como pensar esta questão na clínica com crianças?

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ada Morgenstern
Clarissa Ferreira Martins
Fernanda Fazzio
Fernanda Ferrari Arantes
Flávia Blay Levisky
Julia Eid
Leonor de Carvalho Franco
Ligia P. Silber Rabinovitch
Maria Engracia Perez
Patrícia Vaz Prudente Correa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Bernardo Tanis
Daniela Teperman
Deborah Sereno
Renata Guarido
Maria Cecilia Pereira da Silva

SUMÁRIO

PALESTRANTES

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: ONDE ESTÁ A INCLUSÃO? Clarissa Metzger	6
AS CRIANÇAS ENTRE OS LAÇOS FAMILIARES E AS JANELAS VIRTUAIS Julieta Jerusalinsky	11
ASSASSINATO E SOBREVIVÊNCIA DO PAI Marion Minerbo	18
DE UM SEMBLANTE DE SABER PATERNO E DE SUAS RELAÇÕES COM O DESAPARELHAMENTO DA EDUCAÇÃO DE SUAS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE Flavia Vasconcellos	24

TRABALHOS

ONDE ESTÃO OS PAIS DA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS Adela Stoppel de Gueller	30
PENSANDO COM WINNICOTT: E O PAI? Alba Lucia Reyes de Campos e Lia Pitliuk	36
CRIMES EM “LEGÍTIMA DEFESA DA HONRA” – O PAI COMO UM ASSASSINO QUE ALEGA SER O PROTETOR DA HONRA DA FAMÍLIA Alberto Luiz Rodrigues Timo e Izabela Dias Velludo Roman	40
UM PAI ENTRE MUITAS MÃES Alessandra Cássia Leite Barbieri e Lindilene Toshie Shimabukuro	45
E O PAI O QUE TEM A VER COM ISSO? Ana Carolina Afonso Lima Dias	46
A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO Andrea Gabriela Ferrari e Giovana de Castro Cavalcante Serafini	47
AS AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO: UM SONHO DE POTÊNCIA E REPARAÇÃO Arianne Monteiro Melo Angelelli	51
A ESCOLA COMO ESPAÇO APTO AO OLHAR, À ESCUTA E À INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA Belizia Aben-Athar Barcessat	55
O LUGAR DO PAI NA SELETIVIDADE ALIMENTAR INFANTIL Carolina Escobar de Almeida Prado	56
“– SHIU! FICA QUIETA!”: QUANDO NINGUÉM PODE DESEJAR Caroline Gomes Mortagua e Juliane Agnes Alves de Mello Souza	60
O QUE DIZER DO PAI EM UMA PRODUÇÃO INDEPENDENTE? Caroline Geocze	61
PAI PERVERSO: REVERBERAÇÕES IDENTIFICATÓRIAS Cassandra Pereira França	62
ABUSO SEXUAL INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE NO CAMPO JURÍDICO Christiane Laurito Costa	66
INFANTIL: UMA PROPOSTA DE ESCUTA E DE INTERVENÇÃO PRECOCE PAUTADAS NA ÉTICA DA PSICANÁLISE Cristina Keiko Inafuku de Merletti	73
BEBÊS, CRIANÇAS E SEUS PARES: A PARTICIPAÇÃO DO PEQUENO SEMELHANTE NO DESENVOLVIMENTO E NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA Daniel Kazahaya	74
ADOLESCÊNCIA SEM PAI Daniele John	80
CUIDADOS PRIMÁRIOS NA CLÍNICA DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL Cassandra Pereira França e Danielle Pereira Matos Rabelo	86
PSICANÁLISE ITINERANTE Débora de Mello	90
NÃO TEM HOMEM NÃO?! Denise de Sousa Feliciano	91
A ADOÇÃO E A ESCUTA PSICOLÓGICA: GRUPOS COM PAIS E FILHOS POR ADOÇÃO Denise Sanchez Careta e Ivonise Fernandes da Motta	92
EM NOME DO PAI E (OU) DO FILHO? Eduardo Almeida Prado e Patrícia Fraia	96
POIS EU TENHO DOIS PAPAIS! – UMA HISTÓRIA DE ADOÇÃO HOMOPARENTAL Érica Silva Do Espírito Santo	100
DO PAI E DO TEMIDO GALO – DA AMEAÇA DE CASTRAÇÃO À VIVÊNCIA REAL Eugênio Canesin Dal Molin e Thiago Abrantes	105
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA PATERNA EM FAMÍLIAS QUE A MÃE TRABALHA FORA: A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES A PARTIR DO DESENHO DA FAMÍLIA COM ESTÓRIA Fabiana Mara Esteca e Audrey Setton Lopes	110

O LUGAR DO PAI NOS PRIMÓRDIOS DA ESTRUTURAÇÃO DE UMA NEUROSE OBSESSIVA _____	114
Fernanda Arioli Heck	
MATEUS, FILHO DO POPE Fernanda Sofo _____	119
VIVÊNCIAS DE FUNÇÃO PATERNA VIA O BRINCAR Flavia Romero Luz Pejon _____	125
O “B” MUDO Flávia Steuer _____	126
DO PAI ABSOLUTO AO PAI SEM GRAVIDADE Grace Lagnado _____	127
O PLANTÃO PSICOLÓGICO COM CRIANÇAS: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA ESCUTA ANALÍTICA NA COMUNIDADE Helena Julio Rizzi, Julia Leis Vilela Baggio Livia Chaud Albano e Nathalia Lima Loiola ____	131
A RUPTURA COM A FIGURA DO PAI DIANTE DA ACUSAÇÃO DE PEDOFILIA _____	136
Isabella Ferraz Lacerda de Mello	
AS PESQUISAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO DIRECIONADAS AO ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PROMOÇÃO E PREVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL _____	137
Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta	
O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL BÁSICA COMO POSSIBILIDADE DE CONSOLIDAÇÃO DO PACTO SOCIAL _	142
Izabela Dias Velludo Roman e Alberto Luiz Rodrigues Timo	
O QUE É UM PAI? CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE PATERNIDADE E FUNÇÃO PATERNA ____	146
Cristiane Palmeira de Oliveira Barreto e Izabella Paiva Monteiro de Barros	
ENCONTROS ENTRE O LUGAR DO PAI E O LUGAR DO ANALISTA NA ANÁLISE DE UMA CRIANÇA _____	151
Julia Eid	
RECONSTRUINDO A FIGURA PATERNA COM MASSA DE MODELAR _____	152
Laura de Albuquerque Maranhão Pereira de Sousa	
QUE SOLUÇÃO PARA UM SUJEITO AUTISTA? Maira Barroso Leo _____	153
A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS DIANTE DA JURIDICAMENTE NOMEADA “ALIENAÇÃO PARENTAL” Lorena Bitar e Marcia Porto Ferreira _____	158
ONDE ESTÁ O PAI? A DANÇA DAS CADEIRAS... Maria Dias Soares do Amaral _____	159
SUJEITOS EM TRÂNSITO Daniela Danesi e Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar (Lila) _____	165
A MENINA QUE NÃO PODIA CRESCER Maria Fernanda Liberato Beduschi _____	166
O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO DE FAMÍLIAS COM QUADRO DE VIOLÊNCIA REALIZADO EM INSTITUIÇÕES: A IMPORTÂNCIA DO MANEJO DE SETTING Marjori de Lima Macedo _____	167
A FUNÇÃO PATERNA EM UMA FAMÍLIA DE MULHERES: UMA OBSERVAÇÃO PSICANALÍTICA _____	172
Marjorie Vieira Yanagihara	
E QUANDO NÃO HÁ LEI/PAI? IMPLICAÇÕES E EFEITOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA NA CRIANÇA Marta Gonçalves Gimenez Baptista _____	176
WINNICOTT E O PAI NO INÍCIO DE VIDA DO BEBÊ- RELATOS DO PROCESSO DE TORNAR-SE PAI ____	180
Mônica Camasmie Dib	
A FUNÇÃO PATERNA NUM CASO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA _____	184
Nadia Regina Prando	
FUNÇÃO PATERNA EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CONTRIBUIÇÕES DE D.W. WINNICOTT _____	190
Robson Thiago Barbosa Nakagawa, Denise Sanchez Careta e Ivonise Fernandes da Motta	
EM TORNO DO CONCEITO LACANIANO DE DECLÍNIO SOCIAL DA IMAGO PATERNA _____	195
Rodolpho Ruffino	
SER (HOMEM) NA VIDA: ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E PATERNIDADE _____	199
Sandra Ungaretti	
O TRABALHO CLÍNICO COM UM CASO DE NEUROSE DE COMPORTAMENTO FAMILIAR, A IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS TRANSGERACIONAIS E A DESMEDICALIZAÇÃO DA VIDA _____	204
Wagner Ranña	

AS CRIANÇAS ENTRE OS LAÇOS FAMILIARES E AS JANELAS VIRTUAIS.

Julieta Jerusalinsky

RESUMO

As crianças, com seus sintomas, respondem ao que é próprio de seu tempo no laço social quanto familiar. Hoje em dia a relação dos pais a filhos está perpassada por monitores virtuais. Os pais ficam fascinados com o domínio tecnológico das crianças, buscando restituir narcisicamente os filhos com objetos-fetiches consumíveis, muitas vezes eximindo-se de transmitir que a condição inerente ao desejo é a de um encontro faltoso com o objeto. Bebês e pequenas crianças são expostos, cada vez mais cedo à virtualização, experimentando uma dissociação do corpo em um tempo em que ainda não constituíram um. Muitas crianças em lugar representar o que as afeta em seu corpo a partir da experiência compartilhada de transativismo com o Outro encarnado, com suas leis e metáforas, estão lançadas à relação com aparelhos eletrônicos: totens anônimos da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, criança, função paterna, transmissão virtual.

Na cena inicial do filme super-homem de 1978, que fez parte da infância e juventude de muitos pais de hoje em dia, Jor-El, o pai do super-homem, encarnado por ninguém menos que Marlon Brando, diante da destruição do seu planeta, lança o seu filho a uma longa viagem pelo espaço sideral endereçada à terra. Antes da partida, deposita no berço-ave a última e fundamental peça que difere das outras: um cristal que concentra todo o conhecimento de sua civilização de origem.

Podemos considerar que se trata apenas de uma ficção, mas a clínica revela achados inequívocos do quanto a aposta de transmissão por meio da tecnologia produziu sua marca em nossa cultura. Se a estética dos fins dos 70 e a promessa da corrida espacial como saída à destruição do planeta presentes no filme resultam um tanto anacrônicas (lembremos que ele foi produzido menos de 10 anos depois de o homem ter pisado a lua), no entanto, o mito contemporâneo de aposta na possibilidade de uma transmissão que possa ser feita em ausência do corpo através de aparelhos tecnológicos parece mais do que nunca se realizar.

Se no filme de 78 o pai se materializa em um cristal, hoje em dia a esperança se deposita em uma transmissão que pudesse ocorrer também através de um cristal: do cristal líquido das grandes telas televisivas dos lares e das pequenas telas portáteis de, iPads e celulares que são levadas de um lado a outro junto aos bebês da atualidade. São essas máquinas que “falam” com as crianças pelo menos de duas a três horas por dia.

Tem sido bastante revelador no consultório aquilo que muitas crianças montam como cenas familiares: Amigos assistem TV juntos, mães cuidam do bebê trabalhando no computador, famílias reunidas ficam sentadas à mesa olhando para a TV; um paciente diante da massinha me fez o seguinte pedido: “faz pra mim o controle remoto”. Nada mais justo, afinal não há objeto que melhor encarne o lugar de totem na atualidade.

Em um tempo em que se damos um *google* nessa palavra o primeiro que aparece são anúncios de “totens publicitários” para denominar estandes comerciais espalhados por lugares públicos (nos quais é possível plugar seus aparelhos, carregá-los e ter acesso à web) é preciso que possamos recordar que originalmente o totem é um símbolo sagrado que tem a função de emblema para tribos ou clãs representando seus ancestrais e protetores.

A palavra Totem é derivada de “*odoodem*” que significa “marca da família”, na linguagem Ojibwe dos índios da América do Norte. Por marcar as origens geralmente os totens trazem representações de animais ou plantas registrando a história de um grupo e também os possíveis poderes de transformação entre homem e natureza. Tais representações são veneradas, pois o totem é o que organiza e regula as trocas da comunidade e, portanto, sem ele a referência do grupo se perde.

O que faz laço entre nós? O que transmitimos como valor cultural às crianças? Qual é o objeto presente nas disputas familiares? Aquilo que não pode ser perdido de vista? Pelo que brigamos e o que desejamos ter em nossas mãos para sentir-nos acolhidos ao final de um árduo dia de trabalho em nome da civilização?

Meu pequeno paciente do alto de seus seis anos está aí para revelar: O controle remoto é, sem dúvida, um totem da atualidade.

Ele chega ao consultório repetindo certas consignas como “você tá fora”, “foi eliminado”, “venci!”, trechos de jogos e de programas televisivos e de realities shows que reproduz como uma fala em sintagma – em que se serve de consignas fixas que lança aos demais, às vezes dentro e, tantas outras, fora de contexto, mas sem conseguir seguir uma conversa ou estender a significação. Esse é o problema: os aparelhos emitem sequências sonoras, mas não conversam, não produzem uma matriz dialógica em que os lugares sejam subjetivados, eles oferecem fragmentariamente uma linguagem, mas não sustentam sua função. Emitir sequências sonoras é bem diferente do que dar lugar a que o sujeito possa se representar na linguagem subvertendo por meio dos chistes ou atos falhos sua significação.

Não são poucos os bebês e pequenas crianças de um ano e meio a três anos que chegam ao consultório com suspeita de autismo, que não respondem quando chamados, que não estão em busca dos outros, que realizam errâncias pelo espaço acompanhadas ou não de automatismos (sacolejos, balanceios) enquanto lançam de forma não endereçada fragmentos sonoros em inglês, pequenos que repetem em solilóquio, “Ei- bi- ci, uan-tu-tri” (A, B, C, 1, 2, 3), enquanto fixam seu olhar em superfícies brilhantes ou passam o dedo pelas mesmas.

Mas qual é a língua materna dessas crianças? A princípio seus pais, seus professores, parentes ou babás falam português. Português então, seríamos tentados a responder.

Consideremos aí que língua materna implica a língua na qual o Outro primordial ao qual a criança ficou referida, lhe fala, na medida em que é desde essa língua que o Outro encarnado interpreta, sustenta e interdita o acesso à satisfação que propicia ao bebê. Consequentemente, é por meio dessa língua que a criança pode representar o que a afetou em sua percepção, apropriando-se subjetivamente do seu corpo. Portanto língua materna é aquela através da qual um bebê ficou referido, simbolicamente identificado, ao Outro, representado seus modos de obter prazer e também as interdições do mesmo¹.

Freud afirma que a identificação é a mais remota forma de expressão de laço emocional com outra pessoa² e que essa primeira identificação que ocorre na mais primitiva infância é aos pais ou ao pai como ideal do eu³, na medida em que o bebê fica referido ao Outro em seu circuito de satisfação e que esta satisfação instaura um objeto pulsional que extrapola para sempre o objeto da necessidade em si.

Percebe-se desse modo que a relação ao Outro comporta a inscrição de um traço. Esse traço depositário da primeira identificação é o que permite tecer uma referência simbólica para a vida. Esse traço unário inaugura a contagem para um sujeito, inaugura uma série simbólica. A partir desse traço pode-se produzir para o sujeito o reconhecimento, do eu *sou marca de um*.⁴ Por isso o *um* do unário não é único, no sentido de ser sozinho, ele é unário no sentido de instaurar a singularidade, desde a qual pode se produzir uma série simbólica a partir desse *um* que conta, desse *um* desde o qual se festejara a repetição de um gozo.⁵ Assim o sujeito se divide pela inscrição desse traço, pois, por um lado, tal inscrição permite ao sujeito se reconhecer nesse traço, nesse *um* que, para ele, é o que conta; e, por outro lado, tal inscrição comporta a dimensão da perda do objeto, ao produzir um traço em seu lugar.

1 Questão abordada no seguinte texto: Julieta Jerusalinsky (2002). Prosódia e enunciação na clínica com bebês, in: Quem fala na língua? Org. Vorcaro, Ágalma, 2002.

2 Sigmund Freud (1921). Psicologia das massas e análise do eu, p. 133.

3 Sigmund Freud (1923). O ego e o Id, p. 45.

4 Jacques Lacan (1969-1970). O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise, p. 73.

5 Jacques Lacan (1961-1962). Seminario 9. La identificación.

No início da vida, o bebê, mais do que se contar é levado em conta por outro, e por isso a instauração do traço unário, da referência simbólica, depende do laço com o agente da função materna. É a mãe que sustenta as séries para o bebê, é ela que faz dos objetos –papinha, leite, cocô, xixi, sono, meleca – traços que se contam em uma série. É ela que festeja e propicia para o bebê esse gozo e que, ao mesmo tempo em que o inscreve o faz operar como traço diferencial de reconhecimento na relação com o bebê.⁶ Porém a produção de crianças que tem pais, babás ou professores que falam português, mas que repetem fragmentos sonoros de entoação em inglês exige que possamos perguntar – se essa é a língua que produziu para elas alguma inscrição, então quem é o Outro dessas crianças? Afinal parecem ser mais as TVs, e os tablets com seus aplicativos. Há casos em que as crianças estão referidas a esses aparelhos, em que esse é o Outro da criança e isso não é sem consequências para a constituição psíquica.

Não nascemos apropriados do nosso corpo. Esta é uma operação que pode se constituir ou fracassar. Estabelecer um funcionamento corporal no qual a organização dos ritmos – de sono-vigília, fome-saciedade, movimento-reposo, entre tantos outros funcionamentos implicados na circulação de objetos pulsionais como olhar, voz, respiração, fezes – diga respeito ao prazer e desprazer de um sujeito, não está garantido, na medida em que as funções instintivas claudicaram na espécie humana. No início da vida é o agente da função materna que sustenta a instauração desse funcionamento corporal subjetivado na medida em que interpreta, usando aqui o termo estrito situado por Freud, qual seria a ação específica que pode satisfazer o bebê e tirá-lo de seu estado de desamparo⁷. Para tanto é preciso que haja um Outro encarnado que se afete em sua economia de gozo pelo que se passa com o bebê, operando com este uma identificação transativista⁸. É somente desde esta condição psíquica que uma mãe pode produzir uma interpretação do que se passa com o bebê emprestando suas representações, disponibilizando seu saber inconsciente, para que o bebê possa chegar a constituir algum saber.

É porque há outro que diz “ai” diante do tombo do bebê e depois o consola que o bebê pode representar simbolicamente isto que padece, apropriando-se imaginariamente do seu corpo. É porque há outro que diz “hummm!” enquanto oferece a papinha que o bebê pode, não só comer, mas partilhar de desejar a papinha de modo identificado ao desejo do Outro.⁹

Assim, é a partir dessas inscrições primordiais produzidas na relação com um Outro encarnado que se passa do afeto à sua representação, do corpo à linguagem, do gozo ao saber, produzindo entre essas instâncias de diferentes ordens uma inscrição (a inscrição da letra como rasura inconsciente no psiquismo) que articula, que faz dobradiça fundamental para a constituição psíquica e para a apropriação imaginária do corpo. Esses jogos de litoral fundamentais para a constituição não têm como ocorrer sem a presença de um Outro encarnado que está atravessado em sua própria economia de gozo pelo que se passa com o bebê.¹⁰

Na atualidade não são poucas as mães que chegam ao consultório surpresas com o profundo trabalho que dá cuidar de um bebê – com esse delicado trabalho, com o fino “bordado” que é tecer, articular corpo-linguagem. Enquanto desde o discurso social se sublinha a maternidade como um campo de eficácia fálica, como se com uma boa equipe de especialistas, parafernalia técnicas e um tanto de competência materna pudesse dar conta do recado de criação de um bebê, a grande surpresa costuma ser descobrir que talvez o mais difícil da maternidade não seja o “exercício de um saber ativo”, mas a posição psíquica de disponibilidade ao bebê.¹¹

Ao mesmo tempo, há um excesso de objetos que circulam no mercado e que se oferecem como eficazes para os cuidados do bebê (apetrechos para o banho, almofadas para a postura, monitores para controlar o sono, aplicativos para os ritmos de mamada e até decodificadores de choro).

6 Julieta Jerusalinsky (2011). A criação da criança.

7 Sigmund Freud (1905). Três ensaios sobre a sexualidade, pag. 146.

8 Jean Bergés e Balbó (2009). Jogo das posições mãe criança.

9 Julieta Jerusalinsky (2011). Obra citada.

10 idem

11 idem

Certamente, uma vez que está estabelecida a relação com o bebê, é importante que uma mãe possa ir progressivamente oferecendo objetos substitutivos que não retenham a satisfação do bebê apenas sobre o corpo materno, objetos que passem a representar a relação do bebê com o Outro (paninhos, chocalhos, brinquedos dos quais depois se deriva o objeto transicional apontado por Winnicott).¹²

Encontramos aí como a função paterna é inicialmente sustentada pela mãe na medida em que ela não faz do filho em si um objeto de restituição de sua própria falta. Uma mãe sustenta a função paterna por metaforizar a falta na relação com o filho, introduzindo a dimensão desejante ao possibilitar que a satisfação do bebê também possa ir circulando por objetos que substitutivamente possam ser representantes da relação com o Outro primordial.

A questão se coloca quando a promessa mercadológica é efetuada na lógica de que tais objetos, em lugar de funcionar progressivamente como representantes simbólicos que metaforizam a relação com o Outro, se interpõem em uma suposta economia da relação, supostamente “poupando” o trabalho de se relacionar com todo o mal-estar e equívocos que isso comporta, pois haveria um objeto realmente adequado à satisfação. Assim temos desde cadeirinhas vibratórias (sim! Vibradores para bebês) até programas televisivos para bebês que prometem acalmar a cólica, mais do que qualquer colo e aconchego, ou “estimular a inteligência” mais do que qualquer cantiga ou conversa.

Estabelece-se assim uma oferta de objetos que não estão no lugar de metaforizar a relação com o Outro encarnado diante de sua inevitável falta, que não estão atravessados pela função paterna em uma extensão dos circuitos de satisfação referidos a um traço unário fundamental. Em lugar disso os bebês muitas vezes ficam expostos a objetos supostamente eficazes (como se eles em si tivessem propriedades capazes de estimular aptidões ou acalmar) e que passam a serem oferecidos em economia da relação com os demais lançando muitos bebês a não poderem constituir uma relação com a coisa mediada pela metáfora transmitida pelo Outro e ficando expostos ao risco de ficarem assim com seu campo pulsional restrito e achatado à sideração do espetáculo ao festival sensorial que o mundo das coisas oferece.

Essa questão se relança mais adiante quando as crianças ficam na posição de espectadoras do que os brinquedos fazem – brinquedos que falam, riem e se mexem sozinhos. Ora, brincar é constituinte do sujeito na infância justamente porque implica a possibilidade para a criança de *apoiar o seu fantasiar em objetos concretos*¹³, mas o que ocorre quando fazemos das crianças espectadoras em lugar de autoras do que se passa em uma cena com os brinquedos que transcorre em suspensão do brincar?

Os adultos ficam fascinados com a habilidade de seus pequenos rebentos em apertar botões – na medida em que essa foi uma aprendizagem tardia para a geração anterior. Em seu fascínio, deixam de perceber que a complexidade simbólica de um “on-off” ou dos ícones presentes nesses objetos fetichizados impõe bastante menos variáveis que uma pequena brincadeira corporal com parlendas, que uma história infantil de conto de fadas ou um brincar de faz de conta.

A captura do olhar da pequena criança na tela portátil em muitos casos costuma funcionar como uma “chupeta eletrônica” que suspende as demandas e os deslocamentos do bebê pelo espaço e que fazem necessária a relação com outros que advirtam e compartilhem as possibilidades e riscos presentes no mundo simbólico, imaginário e real que os humanos habitamos.

Há algum tempo atrás falando isso mostrei a seguinte imagem. Trata-se de um grafite na avenida Sumaré (trata-se da imagem de um bebê que caminha em direção à TV dizendo “mamy”). Poderíamos mais uma vez pensar que é um exagero ficcional. Não o é. Sob efeito dessa questão uma colega me enviou em resposta a imagem e texto de um blog sobre maternidade em que uma mãe, diante do seu bebê que se recusava a mamar, prende o celular na alça do sutiã para que ele assista desenhos animados enquanto mama distraído de seu ato (e recebe várias curtidas).

12 Winnicott (1971). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa, 1994.

13 Sigmund Freud (1908). *Os escritores criativos e o devaneio*.

É muito simplório e pouco interessante tecer uma crítica a essa mulher em particular que como tantas outras ficam isoladas em seus pequenos apartamentos cuidando durante 4 ou 5 meses de seus bebês enquanto olham para janelas virtuais antes de voltarem a trabalhar 8 horas por dia e delegarem os cuidados de seus bebês abruptamente a outros. Ficar em posição de culpabilizar ou desculpabilizar as mães em relação a uma performance materna implica eximir-se da responsabilidade coletiva de pensar de que modo está se sustentando o cuidado das crianças, pois a relação dos pais e dos bebês não ocorre de forma isolada, mas atravessada pelos ideais sociais. E bem sabemos que o discurso coletivo é muito poderoso.

É comum que se discuta a questão das novas configurações familiares como se o tradicionalismo familiar alguma vez houvesse sido garantia de saúde. A psicanálise nos permite justamente pensar em funções e operações constituintes do sujeito que podem ser sustentadas por diferentes agentes ou que podem não estar minimamente sustentadas nas famílias mais tradicionais.

A esse respeito, uma menininha de 8 anos trazida ao consultório pois passou a padecer de fortes ataques de angústia em que seu corpo treme, fica amedrontada, e passa a pedir a presença da mãe em tudo o que faz, fez ao longo de sua análise e por efeito da mesma em vias de resolução desse sintoma, uma pintura: são ela, sua mãe, seu pai e seu irmãozinho, todos de sua família flutuando na tela do computador.

Esta família muito unida, como tantas outras, sempre fica junta na parte da noite depois do trabalho e escola. O que fazem? cada um olha para a sua janela virtual individual.

Não basta a presença real, é preciso que o Outro encarnado possibilite mediar uma metaforização do que afeta o corpo. Como se inscreve o ideal do eu que funciona como mira para que seja possível realizar as travessias da vida, sem cair de angústia a cada passagem? Para onde o Outro encarnado olha? Se alguém se sente solto, flutuando na tela do computador é porque lhe é frágil a possibilidade de servir-se da referência simbólica para representar o âmago do seu afeto corporal, que lhe permita aceder à palavra que o toca no cerne de sua articulação pulsional. Desse modo fica-se em presença excessiva do objeto, mas subjetivamente à deriva.

A criança para se constituir como sujeito precisa de um desejo não anônimo, temos aí o simbólico, na transmissão do nome, mas isso não vai sem o desejo; a transmissão precisa de um nome e de um corpo; da articulação da palavra e da pulsão; Da inscrição de um litoral entre gozo e saber;

Sem esse bordado, sem a inscrição de litoral entre gozo e saber a criança fica exposta a perder-se em uma errância pelo simbólico sem um fio que lhe permita alinhava-lo a partir do desejo que lhe concerne e a toca em sua economia pulsional (como o pequeno paciente que me pede um controle remoto para organizar o mundo); ou a criança fica lançada a automatismos sensoriais em torno de fragmentos perceptivos sem um simbólico que metaforize para ela a relação com a coisa (como os pequenos pacientes que repetem a esmo a sequência de letras em prosódia inglesa).

O pedido de um controle remoto desse menino de seis anos ainda fica ecoando: Se o totem representa a passagem do homem de sua condição natural a ser cultural, se ele representa um pai da horda que foi incorporado e simbolizado e em relação ao qual se estabelece uma dívida e uma lei, como considerar a relação totêmica ao objeto tecnológico que representa a passagem do homem à máquina, e que longe do que exige a operação do sujeito para ser lembrado ou esquecido, recalcado, condensado, deformado ou deslocado, permanece imutável desde sempre e para sempre, podendo ser recarregado com uma pilha ou uma tomada a disposição. Os chips - memória sem recalque- garantem que a mensagem não se perca no entanto sua transmissão não é possível de transitar, com eles não há como compartilhar e portanto, interpretar, subverter, reverter, ou reinventar a experiência.

Como considerar a relação de um super-homem com o suposto saber que emanaria do objeto tecnológico onisciente? com um totem completamente anônimo porque não permite a incorporação de um traço que singularize o lugar do sujeito no mundo. Um totem que, em lugar de metaforizar a falta é a onipresença?

Que totem é esse? Ele não é o pai simbólico, pois não representa simbolicamente o morto pois nunca esteve vivo, mas é sempre recarregável, como uma constante e sinistra volta do morto-vivo.

O pai do super homem é o pai morto que entrega o legado simbólico ao filho. A questão que se coloca é se é possível uma transmissão sem um pai real, ou seja, o pai que tropeça, se ruboriza, sorri, se envergonha, revela e transmite seu desejo não só pelo ideal, mas também pelo equívoco. Porque o pai, no melhor dos casos o é sempre em falho e ao assim sê-lo faz comparecer a articulação entre ideal simbólico e o campo pulsional.

Em seus primórdios a psicanálise escutou e deu lugar às invenções e brincar de uma criança que estava, em plena era da moral vitoriana, deparada a uma educação que imprimia culpa diante da satisfação sexual (tornando ilegítimos os singulares modos de gozo); que inibia as investigações infantis (podendo aniquilar o desejo de saber); e que desconsiderava a palavra da criança como se fosse algo menor (destituído seu valor de verdade);

Cem anos depois encontramos crianças confrontadas ao excesso de objetos oferecidos por pais que tantas vezes preferem não ter que dizer não (deixando-as chafurdar em um gozo perverso polimorfo aquém da castração); crianças para as quais se disponibiliza um conhecimento supostamente total do Dr. Google, mas sem ter com quem singularizar seu percurso de investigação (sem poder construir um saber como efeito da experiência dele mesmo e de seus antecessores); crianças que tem os seus corpos submetidos a um saber técnico-científico que achata a verdade sobre o real e nossas respostas à falta ou excesso de substâncias (a verdade está mais do que nunca na coisa e não na palavra).

Diante disso será preciso realizar na singularidade de cada intervenção clínica um novo rito de passagem? a profanação (que evoca a violência e a transgressão necessária no lugar do assassinato do pai da horda primitiva) que permita romper com a lógica do capitalismo como religião a fim de que haja lugar à subversão própria do desejo?

Sim é preciso que possamos intervir com as crianças dando lugar a uma metáfora inventiva diante da insatisfação em lugar de entucha-las com a promessa de objetos perfeitos e acessíveis capazes de aplacar a falta. E na clínica com bebês e crianças isso inicia pela intervenção do analista junto à demanda dos pais para que a criança não seja ela mesma tomada como objeto a ser adequado.

A virtualização implica a possibilidade de dissociar-se do real do corpo, e disso é possível fazer bons usos, no entanto, é preciso considerar quais os riscos dessa dissociação para bebês, na primeira infância e, portanto, em um tempo em que a subjetivação e apropriação do corpo ainda não foram realizadas.

Isso porque, se desde o ideal contemporâneo os filhos desses pais anônimos e sem corpo de cristal líquido supostamente se tornariam super-homens, o sintoma apresentado de fato por número significativo de bebês e pequenas crianças da atualidade, como um efeito bumerangue revela, que muitas delas padecem de graves intoxicações eletrônicas que as faz subjetivamente vagar à deriva, perdidas no espaço virtual, ou fixadas em um fragmento perceptivo em torno de um naco frio e brilhante de puro real inominável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BERGÈS, J. (1988). Função estruturante do prazer. In: *Escritos da criança – 2*. 2. ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1997. p. 41-50.

BERGÈS, J.; BALBO, G. (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*. Porto Alegre: CMC, 2002.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 7, p. 123-152.

_____. (1908). Escritores criativos e devaneio. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 9, p. 147-158.

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 18, p. 133.

_____. (1923). O Ego e o Id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p. 13-83.

JERUSALINSKY, J. Prosódia e enunciação na clínica com bebês, in: *Quem fala na língua?* Org. Vorcaro, Ágalma, 2002.

_____. *A criação da criança – brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma, 2011, p. 151-164.

_____. *Muitas lembrancinhas fazem uma memória?* Trabalho apresentado no V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, Fortaleza, 2012, inédito.

_____. *Pais, crianças e monitores: uma nova configuração familiar*, 2013, inédito.

LACAN, J. (1978). *A família*. Lisboa: Assírio e Alvim.

_____. (1961-1962). *Seminário 9. La identificación*.

_____. (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 73.

ROUDINESCO, E. *La familia en desorden*. Buenos Aires: fondo de cultura económica, 2003.

WINNICOTT, D. (1971). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa, 1994.

Julietta Jerusalinsky é membro da Clínica Interdisciplinar em Problemas do Desenvolvimento Infantil Centro Lydia Coriat; psicanalista membro da APPOA (Associação psicanalítica de Porto Alegre); mestre e doutora em psicologia clínica pela PUC-SP; professora do Cogea/PUC-SP e do Centro Lydia Coriat nos cursos de especialização em "Teoria Psicanalítica", "Estimulação Precoce: clínica interdisciplinar com bebês", "Psicomotricidade" e "Clínica interdisciplinar dos problemas do desenvolvimento infantil"; autora dos livros *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês* (Ágalma, 2002), terceira edição; e *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê* (Ágalma, 2011), segunda edição.

